

## DESEJO E DISCURSO MATERNO NA CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO

### INFANTIL

“Precedendo e muito o nascimento do sujeito, há um discurso pré-existente que o concerne: espécie de sombra falante, que tão pronto o infante se encontra presente, se projetará sobre seu corpo e ocupará o lugar daquele ao qual se dirige o discurso do porta-voz”

(AULAGNIER, 1975, p. 175)

As contribuições dos autores psicanalítico na segunda metade do século XX trouxeram acréscimos à teoria freudiana principalmente no que tange as condições inerentes à formação do aparelho psíquico. Irão resgatar a figura materna na constituição do psiquismo infantil. Klein inicia o movimento trazendo as relações de objeto parciais e marcando a importância das fantasias primitivas vinculadas ao seio. Winnicott revolucionará com sua ideia de “continuous being”, espaço transicional e espaço potencial, incluindo de forma ativa a mãe no cenário psíquico infantil construindo o conceito de mãe suficientemente boa. Bion salientará a função “reverie” materna, amenizando as fantasias primitivas e sua importância na constituição de um aparelho para pensar os pensamentos. Aulagnier resgata a importância do discurso e do desejo da mãe na historicidade do sujeito, bem como descreve a existência de um projeto identificatório que deixará marcas indeléveis na pré-história libidinal de cada sujeito, agregando, ainda conceitos como violência primária e secundária, ambos impetrados pela mãe.

Justamente sobre esses conceitos inovadores de Piera Aulagnier, acerca da constituição do psiquismo do bebê que pretendo discorrer nesse artigo, refletindo sobre a importância do desejo materno, não somente como fundante do aparelho psíquico mas como partícipe da construção de uma história previa ao nascimento, que se projetará sobre ele como uma sombra com força de projeto repercutindo no destino futuro. A autora retoma o conceito de desejo não só como uma construção a partir da experiência de satisfação como assinala Freud no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895 ou como definira no capítulo VII da “Interpretação dos Sonhos” de 1900. Vai além do aspecto metapsicológico e insere o desejo numa trama vincular ontogenética, onde o desejo materno-paterno, tanto como casal e pelo filho, implicará no colorido afetivo dos registros psíquicos e nos investimentos futuros do bebê.

Piera Aulagnier sobre o que propõe sua teoria nos diz:

“Me inclinaria a comparar nossa teoria com a história da ontogênese do desejo[...] Se o ego pode ignorar tudo sobre a aceção biológica[...], não pode prescindir de um saber sobre a ‘ontogênese psíquica’ ou, [...] sobre sua própria história libidinal e identificatória. É uma necessidade de seu funcionamento situar-se e ancorar em uma história que substitui um tempo vivido-perdido por uma versão que o sujeito se procura através da reconstrução das causas que o fizeram ser, que dão razão ao seu presente e fazem pensável e possível de investir um eventual futuro. (AULAGNIER, 1984, p.15)

Desde seus primeiros escritos ressalta a função do Eu (*Je*) como um construtor que jamais descansa em sua função de historiador e inventor, sempre que necessário de uma história libidinal que dê conta das exigências de duas realidades: a do mundo externo e do mundo psíquico, que ignora em sua maior parte. Cria uma história para poder conhecer aquilo que lhe é desconhecido. Essa narrativa do Eu é resultado de todo um trabalho onde dota de significado uma versão que lhe foi contada de uma vivência, que será tomada como oficial a partir de fatos e eventos que em princípio não poderiam ser ditos, nem comunicados, pois não podem ser lembrado nem nomeados pela própria memória, a não ser nas palavras de um outro.

A criança lembrará de situações com uma nítida vividez sensorial de um período que a memória não alcança como registro, mas que foram apropriadas como memória a partir do que lhe foi contado pela mãe.

“Quando falamos em ontogênese, falamos de origem e da necessidade de buscar a história do desejo de um outro, falamos de um tempo prévio que antecipa a história do sujeito, falamos de uma trama de histórias e de desejos, que provavelmente se perde e se encontra numa teia transgeracional.”(SOUZA, 2010, p.128)

Retrocedamos então e tentemos localizar um provável começo, um ponto no tempo, num desejo, um desejo de filho que antecede no tempo e no espaço o desejo de ser mãe. Parece que tudo poderia começar aí, no lugar que a idéia de ter um filho da mãe e/ou do pai ocupará no psiquismo e a forma como poderá ou não ser substituído pelo desejo de ter um filho com um outro. Será que a história começaria aí? Pergunto isso porque o Ter é uma construção que pressupõe uma trajetória já percorrida e, portanto faz parte de um tempo posterior. O ter é precedido pela possibilidade de Ser, ou seja, de ter sido garantida a existência, um tempo talvez sem memória e sem desejo a não ser na memória de um Outro. É necessário que num primeiro momento a garantia da existência possa ter sido dada para que possamos evoluir para o ter, caracterizando uma transformação do desejo de um vínculo diádico para a triangulação.

“Mas partamos então da idéia do ‘desejo de filho’ e do conceito de ‘antecipação’ que é o espaço que a mãe-objeto confere ao bebê-sujeito para se constituir como tal. Consideremos que a mãe por pré-catecização determinará o espaço que o bebê ocupará e por

antecipação prevê o lugar que ele como sujeito terá em seu grupo social no futuro, isso mesmo antes do nascimento.” (SOUZA, 2010, p. 129)

Piera Aulagnier (1975) refere:

“Precedendo em muito ao nascimento do sujeito, há um discurso pré-existente que o concerne: espécie de sombra falante, tão logo o infans se encontre presente, e esta se projetará sobre seu corpo e ocupará o lugar daquele a quem se dirige o discurso do porta-voz.” (AULAGNIER, 1975, p.117)

No imaginário da mãe todo o bebê ocupa um lugar investido onde em seus devaneios ideias antecipatórias de um futuro são construídos, onde desde a aparência é imaginada, um sexo é privilegiado, onde um projeto de vida é sonhado conscientemente, impregnado da trama do inconsciente materno. Esse tempo primeiro que nos antecede é resultante de um investimento libidinal prévio, que marca a pré-história do Eu. Um tempo existente somente na vivência emocional da mãe mas que fará parte da história do bebê.

Quando Aulagnier conceitua que o psiquismo materno funda o psiquismo do bebê quer dizer que a mãe participará como fundante do Eu. É a mãe com o seu inconsciente, atravessado ou não pelo Édipo, com a sua riqueza, suas fantasias; juntamente com o seu consciente, com o seu corpo e sua história, e se constituirá na matriz do processo de construção identificatória do futuro sujeito.

É importante referir que nessa construção simbólica as experiências somato-psíquicas antecedem o Eu e este precede ao Ego como instância organizada. Nessa relação didática inaugura-se o Encontro, onde o corpo da mãe e sua sensorialidade conectam-se com o bebê, dando ao corpo deste e a sua sensorialidade uma dimensão espaço-temporal, marca de uma necessária e violenta interpretação, que caracteriza a “violência primária”.

Por violência primária a autora designa “... a ação mediante a qual se impõe a psique de um outro uma eleição, um pensamento ou uma ação motivados pelo desejo de quem impõe e que para o outro corresponde a categoria do necessário.”(AULAGNIER, 1975, p.36)

Podemos dizer que a forma mais absoluta de antecipação se manifestará no momento inaugural em que a atividade psíquica do infante se vê confrontada com as produções psíquicas da psique materna e deverá formar uma representação de mesmo.

O psiquismo materno invade o psiquismo incipiente do bebê cada vez que tenta compreendê-lo, cada vez que tenta confortá-lo, quando tenta responder ao que supõe seja suas necessidades.

Todo o ser humano ao nascer encontra uma realidade, um discurso e um mundo que o precede já representado no imaginário materno e que a cada contato com a mãe lhe é

apresentado. No afã de dotar de sentido o que percebe ou intui, quando atende uma demanda do filho, a mãe antecipa. Nessa antecipação uma violência necessária e vital se faz presente. O destino de todos será, portanto, conhecer, saber e prever uma realidade que se antecipa a uma história que nos precede, um destino previamente anunciado.

Piera Aulagnier coloca: “A oferta se antecipa a demanda, o peito é dado antes que a boca saiba o que a espera, [...] essa defasagem é muito mais evidente e mais total no registro do sentido.” (AULAGNIER, 2004, p.33)

Como referia, se a antecipação é uma decorrência natural de um encontro entre o psiquismo incipiente do bebê com o psiquismo pleno de significados e representações da mãe, sempre será um excesso de sentido oferecido, um excesso de excitação, excesso de frustração, excesso de gratificação e proteção. Podemos dizer que o que se pede excede sempre os limites de sua resposta. No que tange ao início do psiquismo a palavra materna derrama um fluxo portador e criador de sentido que se antecipa em muito a capacidade do bebê de reconhecer qualquer significação e tomá-lo como própria. A mãe se apresenta como um “Eu falante” ou um “Eu falo” que coloca a criança na condição de um destinatário de um discurso, mesmo que não consiga apropriar-se do seu significado a priori.

O discurso que é dirigido ao bebê forja uma representação ideica, com a qual se identifica desde o início, mesmo que neste começo ele esteja totalmente excluído e desconheça o teor das identificações que lhe são atribuídas.

O termo porta-voz define a função privilegiada que o discurso da mãe tem na estruturação da psique do seu filho. É porta-voz por que fala por ele, quando fala com ele, por que prediz suas manifestações; e é porta-voz também no sentido de delegado, de representante de uma ordem exterior cujas leis e exigências seu discurso enuncia. O discurso materno é, assim, portador de uma significação que atua no presente da relação mãe e bebê, mas também de um discurso que remete ao passado.

Em nossa cultura a mãe como porta-voz é o mediador de um discurso que transmite as combinações, as proibições, os limites entre o permitido e o lícito a criança, de uma forma pré-digerida e pré-modelada por sua própria psique. Ressaltamos, portanto, que precedendo, e muito, o nascimento do sujeito, há um discurso pré-existente no discurso materno, que define um lugar destinado e que tão pronto o bebê se encontra presente esse discurso se projetará sobre seu corpo e sobre seu psiquismo. Essa projeção do discurso materno, contem o que com seu desejo antecipa para seu bebê e caracteriza o que Piera Aulagnier chama de sombra falada. Na sombra está contido uma série de enunciados,

testemunho dos anseios maternos referentes a criança e conduzem a uma imagem identificatória que se antecipa ao nascimento, que se dirige a esse corpo que ainda está ausente.

A sombra falada marca, num primeiro tempo, o rumo das identificações da criança, cujo eixo é a transmissão sujeito a sujeito de algo reprimido indispensável para as exigências estruturais do Eu. Representa a persistência da idealização do Eu projetada sobre o objeto, o que ele queria que fosse ou que chegasse a ser, anulando aquilo que a partir do objeto possa ser uma contradição.

Podemos perceber que o psiquismo materno detém uma importância substancial para o psiquismo do bebê e, portanto, espera-se que o termo mãe contemple na visão de Aulagnier os seguintes quesitos: uma repressão exitosa de sua própria sexualidade infantil; um sentimento de amor pelo filho; um acordo essencial com o que o discurso cultural define sobre a função materna; a presença junto dela de um pai da criança por quem nutre sentimentos fundamentalmente positivos.

Ainda quando analisa o desejo inconsciente da mãe por seu filho mostra a coexistência junto ao desejo amoroso, de um desejo de morte e de um sentimento de culpa. Uma inevitável ambivalência suscitada na mãe pela vivência da perda do lugar ocupado agora por seu bebê, ou seja, a revivência do lugar do objeto perdido ainda desejado inconscientemente. Esse retorno também é acompanhado dos sentimentos experimentados na relação com seu primeiro objeto cujo lugar agora ocupa, ou seja, os afetos experimentados enquanto bebê pela mãe. Reiterando há um sentimento de perda por não ser mais o bebê e afloram os sentimentos ambivalentes experimentados na relação com a própria mãe.

Encontramos em todo sujeito humano uma longa história de desejos, desejos que remetem aos primeiros vínculos objetivos, ao início da relação diádica com a mãe, a evolução para a triangulação, mas, principalmente, a história ontogenética – a história da mãe de desejo por um filho, de desejo por um homem e de dar-lhe um filho – marca da história libidinal que constitui cada sujeito.

Piera Aulagnier descreve que o primeiro desejo com relação ao objeto é “ser o objeto do desejo da mãe”; este evolui para o desejo de “ter um filho da mãe”, seguido pelo desejo de “tomar o objeto de desejo da mãe”; a esse estágio segue-se o “ser o objeto desejado pelo pai”, que evolui para “ter um filho do pai”, depois para “dar um filho a um pai” e finalmente desejar que seu próprio filho se converta em pai ou mãe – que um filho(a) possa realizar um mesmo desejo de filho.

As vivências e fantasias maternas marcam como já vínhamos assinalando, a constituição do psiquismo infantil, tanto quando antecipa um destino, quando antecipa suas

necessidades, quando projeta seu discurso de porta-voz como uma sombra falada sobre o corpo e o psiquismo infantil do filho. Violência primária e vital que define ao Eu um primeiro saber sobre o Eu. Nesse primeiro tempo a mãe é o único identificador que garante a possibilidade de ser e assegura a existência, ao mesmo tempo que garante a possibilidade de um saber futuro e um futuro para o Eu.

Para que o Eu evolua no tempo deverá abrir mão da crença de um único identificador. Encontra-se num tempo em que já possui um repertório de informações vindas dos outros e da realidade, bem como por já tem capacidade de decodificá-las. Não existe somente nos olhos da mãe, nem mais vive naquele momento em que o que pode saber de si e do mundo é o conhecimento oferecido pela mãe como porta voz. Sua imagem agora é percebida nos olhos do pai, dos irmãos, dos avôs, nos amigos.

Percebe e descobre que nenhum olhar pode pretender ser o único espelho!

É no conjunto de olhares desses outros por ele investidos que dará prosseguimento e consolidará sua construção identificatória.

Se a mãe persistir em fazer-se por-voz, se insistir em projetar a sombra de seu desejo por sobre seu filho, se não desistir de colocá-lo iludido que pode ocupar o lugar do objeto de seu desejo, irá impedir o desenvolvimento rumo a alteridade – possibilidade de tornar-se desejante. Essa violência diferirá e muito da primária que chamamos de vital e necessária, essa violência secundária coloca o indivíduo numa potencialidade psicótica impedido de evoluir para a triangulação edípica já que ficará aprisionado na trama desejante materna que será descabidamente intrusiva.

O processo de constituição do psiquismo infantil tem um longo e árduo caminho a percorrer desde um primeiro tempo originário, tempo de indiferenciação e dependência absoluta até independência relativa.

Podemos descrever esse caminho metaforicamente como um processo de desbravamento e colonização, como menciono:

“O *infans* ao nascer é um estranho em seu próprio corpo e deverá como um colonizador tornar habitável centímetro a centímetro seu espaço psíquico. Deverá conquistá-lo para não sentir-se um estrangeiro em sua própria pátria. Para isso dependerá do primitivo habitante, que deverá tornar-se um fantasma, que até mesmo poderá assombrá-lo, mas que lhe ensine a linguagem, a palavra de sua própria terra, que seja inicialmente seu porta voz, que o ensine a senti-la, a pensá-la e a querê-la, mas que após vá

embora, permanecendo somente como uma sombra falada. Sua luta não terminará aí, pois deverá estar atento para não ser colonizado por um estrangeiro e familiar ao mesmo tempo, que como invasor poderá usurpar o espaço conquistado e tornar-se ele o habitante de sua terra. Se isso acontecer não será proprietário nem senhor de si mesmo, mas escravo de uma demanda inicial, sem possibilidade de alforria, sem poder evoluir. Servirá sempre ao desejo do signatário, que não lhe dará outro direito que não seja ser o desejo do outro. Isso será sempre uma violência, não mais primária, mas secundária.” (SOUZA, 2010, p.134)

### **Referências**

- AULAGNIER, P. (1975) La violencia de La interpretación. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.  
\_\_\_\_\_ (1984). El aprendiz de historiador y el maestro brujo. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.  
HORNSTEIN. L Proyecto terapêutico: de Piera Aulagnier al psicoanálisis actual. Buenos Aires: Paidós, 2004  
SOUZA, D. O conceito de temporalidade em Piera Aulagnier. In: Revista do CEPdePA, Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda.,2010.

---

Denise Martinez Souza

End. Prof.: Dr. Florencio Ygartua, 288/903

Moinhos de Vento

Fone Prof.: 33335700

CEP: 90430-010 – Porto Alegre – RS

Email: denisemtzsouza@gmail.com